

"BACH, ONTEM, HOJE E SEMPRE... "

Jorge Alves Barbosa

Por uma feliz coincidência, celebram-se, neste Ano Jubilar da Encarnação, os 250 anos sobre a morte de Johann Sebastian Bach, um dos maiores compositores e músicos de todos os tempos. Efectivamente, foi em 28 de Julho de 1750 que o Kantor de Leipzig abandonou o mundo dos vivos depois de uma última palavra escrita em música com o Coral "*Diante do teu trono eu compareço, Senhor*", deixando já para a História a conclusão da monumental obra *A Arte da Fuga*.

O título que dei a esta breve memória de Bach pode parecer pretencioso ou mesmo abusivo, mas, para além de nos situar na dimensão meta-histórica de Jesus Cristo, este modo de dizer define também a grandeza de um homem cuja vida se identificou com o Evangelho e cuja música foi um permanente acto de louvor a Deus: se por um lado ele costumava iniciar as suas obras com a invocação "Ajudai-me Jesus!" não deixa margem para dúvidas a sua assinatura mais corrente: "Soli Deo gloria".

Mas de onde vem esta dimensão quase eterna da música e da personalidade de Bach? Exactamente do facto de a própria História da Música se poder centralizar nelas a ponto de podermos também falar de música antes de Bach e música depois de Bach. Nesta música encontramos a suavidade da oração cantada que é Canto Gregoriano não apenas no estilo, mas na frequência com que o compositor utiliza o canto cristão dos primeiros tempos seja em citação directa como no Credo da *Missa em Si menor* seja em Corais como o "*Cristo Ressuscitou*" utilizando a sequência "Victimae paschali laudes" ou o Coral "*Vem Salvador dos gentios*" sob o hino "Veni Redemptor gentium"; o contraponto renascentista de Palestrina é levado aos cumes da perfeição no contraponto harmónico de muitas das obras, particularmente nos *Motetes*, ao passo que a riqueza harmónica anunciada por Claudio Monteverdi e a sua particular forma de tratar o texto se encontram aplicados de uma forma exemplar em obras como a *Paixão segundo S. Mateus*, um caso único de maestria técnica, profundidade teológica e densidade dramática. Mas se Bach é realização do passado e resume as maiores conquistas técnicas e estéticas do seu tempo, ombreando com autores como Haendel ou Telemann, é sobretudo um anúncio do futuro ao ponto de, nos séculos posteriores quase não haver compositor que não apresente dele alguma referência ou citação. Sabemos da veneração que por ele nutriam autores como Beethoven, e vários compositores românticos como

Schumann, Liszt ou Max Reger, trataram inclusivamente o nome B.A.C.H. como tema musical tal como já ele fizera "assinando" *A Arte da Fuga*; Mendelssohn não haveria apenas de ressuscitar a obra bachiana, mas de certo modo fá-la-ia reviver na beleza contrapontística e harmónica de obras corais como os *Salmos*; Franz Liszt haveria de encantar-se com a harmonia cromática da *Cantata "Weinen, Klagen"* ou da Missa, ao passo que a espiritualidade dos corais de órgão haveria de ressuscitar em César Franck. Na *Fantasia Cromática e Fuga* de Bach está o alicerce do romantismo pianístico, de Chopin a Rachmaninoff, e se o compositor e pianista Ferruccio Busoni considerava as *Sonatas* de Beethoven como o Novo Testamento da literatura pianística é porque o Antigo Testamento era precisamente o *Cravo bem temperado* de Bach que haveria de inspirar obras paralelas até um compositor russo dos nossos tempos, Dimitri Schostakovich. Mesmo quando a tonalidade, verdadeiro alicerce da estabilidade e da perenidade da produção bachiana, é colocada em questão pelos novos caminhos da estética do século XX, nem por isso Bach deixa de entusiasmar compositores como Anton Webern que se diverte a recompor um "ricercare" da *Oferenda Musical*, ou Olivier Messiaen que, particularmente na sua obra organística, nos deixa, a exemplo do nosso autor, uma verdadeira teologia da música. E o fascínio de Bach não poderia escapar mesmo aos cantores e compositores de música jazz ou rock, desde os mais diversificados arranjos de obras como a *Toccata em Ré menor* à célebre *Ária da Suite em Ré*, música de fundo de um dos mais recentes êxitos dos "top" de vendas discográficos.

Mas porque falávamos em termos e em contexto de Jubileu da Encarnação, tendo que me limitar a um pequeno apontamento da enorme produção de Bach, assinalaria precisamente, sobre temas da Encarnação, onze Corais para órgão, cinco Cantatas para o Tempo de Natal, e o ciclo de cantatas intitulado *Oratória de Natal*, dentro de uma produção que abarca as mais diversas componentes teológicas e cultuais de todo o ano litúrgico. As principais verdades da fé são desenvolvidas no *Dogma em Música* emoldurado por uma das mais monumentais obras da literatura para órgão como é o *Prelúdio e Tripla Fuga em Mi bemol*, uma homenagem à Santíssima Trindade que vai desde o carácter trinitário da estrutura da obra à escolha da tonalidade de Mi bemol que utiliza precisamente três bemois como armação da clave. Se uma das grandes tarefas do Jubileu é o diálogo ecuménico, Bach pode dar-nos um dos maiores contributos para esse diálogo. Pietista luterano convicto, com uma vida profissional e familiar irrepreensível, Bach supera as barreiras teológicas oriundas da Reforma, para escrever ao bom estilo católico, entre outras obras, uma das Missas mais importantes da História a ponto de se poder afirmar com Fidelino de Figueiredo que Bach se tornou "um factor de unificação e purificação da fé cristã mais poderoso e convincente que as violências de Lutero, que os

crimes das guerras religiosas ou as barreiras tridentinas". Ao musicar "Et unam sanctam catholicam..." no Credo da *Missa em Si menor*, Bach coloca dois oboés de amor dialogando em perfeita harmonia e cuja melodia convida a um ambiente de paz e de compreensão.

É por isso que ao celebrarmos a morte de Bach celebramos, em Jubileu, um hino à vida, uma vida que se apagava naqueles dias para um homem que tudo havia feito só para glória de Deus. Conta-nos Ana Madalena, sua mulher, que, nos momentos finais, depois de ter recuperado momentaneamente a vista, o que lhe permite ver a família e, pela primeira vez uma netinha, ao contemplar uma rosa vermelha que Madalena lhe estendia, exclamou: "no lugar para onde vou agora verei cores mais belas e ouvirei a música que até agora só pudemos sonhar. E os meus olhos verão o próprio Senhor!"

Falando nas celebrações do Jubileu dos Artistas, João Paulo II dizia: "Estimados artistas, e crentes, chegou o momento de restabelecer aquela aliança entre a Igreja e a arte que marcou profundamente o caminho do cristianismo ao longo destes dois milénios (...) isto requer a vossa capacidade de viver profundamente a realidade da fé cristã de tal forma que ela se torne geradora de cultura e proporcione ao mundo novas epifanias da beleza divina reflectida na criação". A obra e a personalidade de Johann Sebastian Bach constituem um caminho em ordem a este objectivo: sem a sua música nunca poderíamos celebrar artisticamente o Jubileu 2000 como o Redentor merece. E se Bach nos ajuda a compreender e a celebrar a eternidade de Deus, é também a dimensão divina da arte bachiana a garantia da sua eternidade...

In "Notícias de Viana" de 13/06/2000